

O NARRADOR EM *O MENINO E OS CIGANOS*

THE STORYTELLER IN *O MENINO E OS CIGANOS*

Fabiani Rodrigues Taylor Costa*

No final do de 2012, quando fiz o curso Ler e escrever Rubem Braga, promovido pela Secretaria Estadual de Educação para professores da rede estadual de ensino, mediado pelo professor Francisco Aurélio Ribeiro, pude tanto me aprofundar no assunto crônica como também no nosso principal cronista que é Rubem Braga, quanto começar a escrever minhas primeiras crônicas que foram publicadas futuramente e premiadas.

Foi no referido curso que o professor também nos apresentou suas crônicas e suas diversas outras histórias que me encantaram como aconteceu com o livro *O menino e os ciganos*, publicado em meados de 2012. Escrito por Francisco Aurélio Ribeiro, nascido em 1955, capixaba de Ibitirama, com um currículo

¹ COSTA, Fabiani Rodrigues Taylor. O narrador em *O menino e os ciganos*. In: TRAGINO, Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 111-123.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

vastíssimo nas letras capixabas, tanto como escritor como professor de literatura e pertencente à Academia Espírito-santense de Letras onde desenvolve diversos projetos relacionados, principalmente, à cultura capixaba para que possamos conhecê-la melhor ou nos aprofundarmos ainda mais no que já sabemos. O ilustrador foi o Valter Natal, nascido em 1967, fluminense de Resende que iniciou sua carreira profissional na Marinha Mercante, mas o apelo pelas artes plásticas falou mais alto e assim, além de ilustrador é designer têxtil e docente em restauração do patrimônio histórico.

Ao perpassar pelas páginas desse singelo livro, deparei-me rapidamente com a figura do griô contador de histórias que, conforme Silva (2015, p. 3):

Os griôs, os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar, são os artesãos da palavra. São os que trabalham a palavra, burilam, dão forma, possuem essa especialidade de transformar a palavra em objeto artístico. Há registros da atuação desses artistas desde o século XIV, onde já atuavam no Império Mali. São eles os mantenedores da tradição oral africana, nos últimos setecentos anos, sem dúvida. De fato, a arte verbal dos griôs é tão antiga quanto a mais antiga das cidades da África Ocidental e as pesquisas arqueológicas podem nos fazer crer que tal arte já era mesmo praticada, na África, antes de Cristo.

Assim, Francisco Aurélio nesse singelo livro infantil, torna-se esse griô que, com o bilro em suas mãos, transforma artesanalmente as palavras e nos presenteia tal qual Tia Nastácia de Monteiro Lobato, com suas histórias contadas pela oralidade, mas que mesmo passando para a escrita, elas se entrelaçam às nossas histórias e formamos como ouvintes outras que talvez um dia também possamos contar para as futuras gerações também como griôs – vovós ou vovôs – que passam de geração para geração à memória de um povo.

Esses dois artistas se juntaram e deram vida ao livro *O menino e os ciganos* composto por quatro contos, conforme será explicitado a seguir, pois conforme Silva (2015, p.03) o griô diz “Kwesukeswkela”, que quer dizer “era uma vez, há muito tempo” e assim Francisco Aurélio inicia suas narrativas e nós, os ouvintes dessas histórias emocionantes dizemos “cosi, cosi” que quer dizer “estamos prontos para ouvir”.

O narrador em *O menino e os ciganos*

O Narrador com traços autobiográficos

O conto de abertura do livro e que dá nome ao mesmo *O menino e os ciganos* conta-nos as impressões do narrador sobre um fato que lhe ocorreu quando criança. O narrador, em primeira pessoa, inicia o conto falando de sua cidade natal: as brincadeiras de antigamente, as sinestesias inesquecíveis que outrora perpassaram em sua vida, os parentes singulares que existem em nossas famílias e o convívio com os pais.

Tudo é narrado de uma forma singela e aparenta a tranquilidade de um lugar interiorano onde quando acontece alguma coisa que destoa da rotina do lugarejo, chama atenção de todos. Foi o que aconteceu com o narrador quando os ciganos chegaram a seu lugar e a normalidade foi tirada por algum instante e percebida pelo narrador, pois as histórias que os mais velhos contavam sobre os ciganos eram inclusive de sequestro de crianças. O narrador foi pego por um cigano e colocado dentro de um balaio para dar uma volta no burro, mas quando se viu preso e sacolejando no escuro, veio a lembrança das histórias horríveis sobre aquele povo.

Depois de certo malabarismo, o narrador conseguiu se desvencilhar do cigano e foi para casa todo machucado, nervoso e quando se sentiu seguro, começou a chorar e contou a história para sua mãe que não acreditou e ainda acusou a Petita, ama e protetora, de contar histórias desse porte para o menino.

Nesse conto, o narrador fala-nos, em primeira pessoa, que um acontecimento específico de sua infância, como lembrança de outrora, marcou a sua vida, deixando-nos, conforme Faria (2012, p. 29):

[...] perante um narrador ‘autodiegético’ que, tendo atravessado múltiplas experiências e aventuras, relata, a partir de uma posição amadurecida, o devir da sua existência. De acordo com a designação

de Gérard Genette, este género [sic] de narrador enquadra-se no tipo ‘autobiográfico’, pois fala em seu próprio nome, sendo o registro de primeira pessoa gramatical, resultante da coincidência narrador personagem [...].

É interessante notar que esse narrador com traços autobiográficos é um adulto relembrando suas memórias através do menino que foi, mas “Tendo atravessado um processo de maturação, traços da personalidade do narrador personagem sofreram alterações” (FARIA, 2012, p. 30).

Sendo esse narrador um adulto, ele se utiliza de métodos para se distanciar do adulto e deixar transparecer o menino, a infância como se estivesse acontecendo agora, tal qual quando fala de coisas relacionadas à infância, mas que, no próprio pensamento que o leva há tempos remotos, ele faz uma pausa e conversa com o leitor, demonstrando que é um adulto relembrando algo que aconteceu:

Meu maior prazer era ver as pessoas saltarem do ônibus, entrar no bar em frente, tomar café pingado, comer uma brevidade ou mironga e prosseguir a viagem. Enquanto as mulheres lá de casa observavam trajes e roupas dos viajantes, eu ficava a imaginar os mundos que percorreriam, as pessoas e lugares diferentes que conheceriam e as experiências de vida que iriam ter. Nasceu daí minha vontade de contar essa experiência em histórias como estas que, agora, compartilho com vocês (RIBEIRO, 2012, p. 7).

É interessante notar ainda, a observação feita por Bosi (1994, p. 55) em relação sobre trazer o passado para o presente:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias [sic] de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias [sic], nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Dessa forma, o narrador fala-nos, já no final do conto, sobre o presente quando cita as pessoas da família “Elas morreram, muito tempo depois, sem nunca terem acreditado em mim. Mas esta história é verdadeira e estou contando-a, hoje, para vocês, esperando que acreditem em mim” (RIBEIRO, 2012, p.14). Nesse momento, o narrador faz uma ponte entre o passado e o presente, esperando que o seu leitor acredite em sua história.

O narrador contador de histórias

Também no livro encontramos o narrador preocupado em passar para as próximas gerações as impressões de sua infância, de fatos ocorridos no passado que, provavelmente foram contados a partir da oralidade e que agora ele traça suas linhas para leituras futuras e também seu doce olhar sobre acontecimentos recentes, deixando transparecer um mundo cheio de controvérsias, mas também cheio de um olhar amoroso sobre as coisas. Dessa forma, é possível observar que:

O autor contemporâneo tem representado o griô. Numa relação agora individualizante, íntima, muito próxima e extremamente afetiva, esse narrador-avô, recupera o papel de porta-voz do grupo e de detentor do passado, da ancestralidade, para dotar seu neto de elementos (histórias/exemplos) que o habitem para a continuidade (SILVA, 2013, p. 11).

Esse griô moderno, provindo da literatura africana, resgata a história oral de seus ancestrais e torna-a concreta a partir da escrita, conforme observamos no conto *Quem matou o mar morto?* que traz-nos o narrador em terceira pessoa que conta a história de uma família que era composta pelo pai, mãe e quatro filhos (três homens e uma mulher). No leito de morte, o pai divide a herança e deixa para o filho mais velho todos os bens e o incube de cuidar da família que fica. Para o segundo filho, ele deixa as coisas pertinentes à pesca, pois era isso que ele gostava de fazer. Para o terceiro filho, ele não deixou nada, mas era para o

mesmo passar seis meses do ano com cada irmão e, no final, ele iria ter uma profissão e os seus irmãos o recompensariam.

O irmão mais velho começou a prosperar com o gado e o mais novo cresceu os olhos e começou a roubar para tentar abrir seu próprio negócio, mas o irmão mais velho descobriu e afastou-o e pediu para ele só retornar quando tivesse juízo. Como não tinha para aonde ir, procurou o irmão do meio, que ficou com a arte da pesca, próspero também no que fazia. Porém, o irmão caçula, mais uma vez, roubou, agora o material de pesca para tentar enriquecer com as coisas do irmão.

O irmão do meio, então, ficou sem nada, mas teve um sonho com seu pai que lhe falou de uma arca e ao dizer as palavras mágicas, ele conseguia ter sal para vender e sustentar sua família. E assim foi feito, mas o irmão mais novo retornou e, novamente, ficou com tamanha inveja que pegou a arca e proferiu as palavras de forma exagerada, transformando, assim, o mar numa grande salina e este o tragou para o fundo do mesmo.

Dessa forma, tanto nesse conto como no decorrer do livro, além de algumas marcas da oralidade como, por exemplo, "Eia", "Tá", "Oba", as falas inseridas pelo narrador, através do discurso direto para dar voz às pessoas que cita nas histórias, servem ainda para aproximar mais o que escreveu da vida real e através desses exemplos, como também constatamos em Oliveira (2006, p. 9), é a própria oralidade que terá sua continuidade através da palavra escrita:

A moderna literatura africana pertence a uma 'rede de cumplicidades', como bem define Inocência Mata. Rede esta cuja matriz primeira é a tradição, fonte que durante décadas vem alimentando as narrativas africanas. Neste sentido, [...] seguem o percurso dos contadores ancestrais. O espaço matricial é recuperado em vários níveis, o destaque, no entanto, é para a discursividade oralizada e a materialização de tal discurso...

Levando em consideração que o narrador é um adulto que recupera a forma oralizada de narrativa de seus antepassados e passa a criar sua própria narrativa

através da escrita e mesmo sabendo que “quando a narrativa de um griô vira texto escrito, fica faltando a atmosfera do evento, do acontecimento em que ele está inserido, fica faltando as nuances trazidas pelo ritmo, pela voz, pela entonação, pelo gesto, pelo movimento corporal. Fica faltando toda a sinergia que resulta dessas misturas de texto, voz, coreografia e musicalidade.” (SILVA, 2013), o narrador consegue, além de utilizar as palavras vindas da fala, utilizar-se também da *metacontação*, ou seja, existem histórias sendo contadas dentro de sua história, através do discurso direto dado pelas falas das outras personagens que perambulam suas histórias.

Dessa forma, a *metacontação* é observada principalmente no conto *O menino turista e o cachorro vira-lata*, terceiro conto do livro em que o narrador volta a ser em primeira pessoa e fala-nos sobre uma de suas viagens, onde encontrou duas mulheres que só se importavam com compras e, uma delas tinha um filho e não ligava para ele. O menino ficava o tempo todo sozinho, só passou a ter um momento de felicidade, na viagem, depois que começou a alimentar um gatinho no hotel onde estava hospedado. O nosso narrador conta-nos com muita emoção o quanto o menino era triste e solitário e, em um determinado momento, ele encontra um cachorro que passa a ser o seu amigo na viagem.

Porém, no momento de ir embora, ele queria levar o cachorro com ele, mas a mãe não permitiu, o menino chegou a sugerir que ela o deixasse no lugar em que estavam já que ninguém gostava dele. Uma pessoa local o convenceu de que o cachorro era feliz ali e que ficaria bem. O que emocionou o narrador foi o momento do embarque em que o menino foi abraçar o cachorrinho que o havia seguido até o aeroporto.

Nesse conto, o menino ganha voz para sabermos as impressões do mesmo sobre os fatos ocorridos, através do uso do discurso direto e, assim, distancia-se um pouco do narrador em 1^a pessoa que visa ter sua verdade como única, ignorando as outras e explicita a voz do menino envolvido na história, deixando transparecer outras verdades, ou seja, ele transgride o narrador ocidental – da verdade absoluta - e passa a interagir com a personagem, não contando por ela a história.

Mas sobre essa diversidade de elementos, ou seja, subsídios para tornar real cada versão narrada, disse Bosi (1994, p. 51):

A recordação seria, portanto, uma organização extremamente móvel cujo elemento de base ora é um aspecto, ora outro do passado; daí a diversidade dos 'sistemas' que a memória pode produzir em cada um dos espectadores do mesmo fato.

Dessa forma, podemos concordar com Benjamin (1994, p.198) e estender à narrativa *O menino e os ciganos* que "A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos."

E assim o próprio Benjamin (1994, p. 201) fala que "O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes" e, é por isso, que a narrativa de Francisco Aurelio Ribeiro chama-nos a atenção, porque tais experiências relatadas por ele agregam-se às nossas e formamos uma teia para contarmos a outras pessoas.

Então, não se pode negar que "uma tradição de cultura oral com uma literatura escrita numa língua europeia para desenvolverem, dessa forma, a criação de uma outra escrita que reverbera, tal como cá, vozes de lá e ecos daqui" (QUEIROZ, 2015, p. 54). Refletindo, também, que "A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos" (BOSI, 1994, p. 90).

O narrador de memória

Levando em consideração que o narrador tem traços autobiográficos e as impressões do autor menino ficam marcadas na narrativa de *O menino e os ciganos*, Bosi (1994, p. 46-47) faz a seguinte observação sobre a memória:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Tal narrador se utiliza de personagens que fizeram parte da sua infância ou até mesmo de algum fato não tão antigo, mas que serve para dar ainda mais veracidade às suas memórias, pois

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1994, p. 54).

Não criamos nossas memórias sozinhos. É claro que as alocamos num espaço destinado a elas em nossos cérebros, tornando-as algo individual. Porém, para se chegar a esse ponto, precisamos, em um dado momento da nossa história, da interação com os outros indivíduos que estão ao nosso redor.

Dentre os indivíduos que estão ao nosso redor, o narrador transmite-nos uma forte interação com as pessoas que fazem parte ou circundam a sua família. Ele chama atenção para sua mãe e a Petita, ama e protetora, que fizeram parte do episódio com os ciganos no conto que dá nome ao livro, deixando vir à tona que:

[...] episódios antigos que todos gostam de repetir, pois a atuação de um parente parece definir a natureza íntima da família, fica sendo uma atitude símbolo. Reconstituir o episódio é transmitir a moral do grupo e inspirar os menores. [...] Tocamos sem querer na história, nos quadros sociais do passado: moradias, roupas, costumes, linguagem, sentimentos [...] (BOSI, 1994, p. 424).

É possível observar também que no conto *O menino e os ciganos* percebemos através da fala da mãe para com a Petita o quanto esta tem influência sobre o menino, através da contação de histórias quando fala “- ‘Tá vendo, Petita, o que dá ficar contando história pra esse menino. Ele fica achando que é verdade.’” (RIBEIRO, 2012, p. 14), ou seja, essa pessoa tão ligada à família, mostra-nos a

convivência que ela já possui no espaço familiar, tal qual foi observado por Bosi (1994, p. 73):

Enquanto os pais se entregam às atividades da idade madura, a criança recebe inúmeras noções dos avós, dos empregados. Estes não têm, em geral, a preocupação do que é ‘próprio’ para crianças, mas conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos, históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular.

No conto *Seu Ovídio e a mula Meu Amor*, quarto e último conto do livro, o narrador também em primeira pessoa, diferente do conto de abertura do livro, agora ele se encontra na cidade grande, em Vila Velha, mas ainda provinciana. E narra a época em que a condução era feita através de animais de tração e o mesmo conhecia o senhor Ovídio e o pai deste tinha um negócio de carroceiro e fazia o transporte como profissão. Certo dia, o Ovídio ganhou uma mulinha do pai e se apaixonou pela mesma, até que depois de se aposentar também da profissão que o pai lhe ensinou, não se desfez da mulinha chamada Meu Amor. Em um determinado momento, a mula fugiu e o senhor Ovídio ficou louco atrás dela até que a encontrou em um departamento de animais da prefeitura, mas para tirá-la de lá, era preciso pagar cem reais e ele não tinha essa quantia. Por fim, a história ganhou repercussão na mídia e um comerciante teve compaixão e doou o dinheiro para que a mulinha de Seu Ovídio pudesse retornar ao dono.

Nesse conto percebemos que o narrador tem um forte contato com as pessoas que estão ao seu redor, mostrando-nos que a memória é garantida também a partir do coletivo, pois “[...] Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade” (BOSI, 1994, p. 55).

É percebido, então, que formamos nossas memórias a partir do contato com o outro, já que “O grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado” (BOSI, 1994, p. 414).

Conclusão

Sobre o narrador, ainda diz Bosi (1994, p. 91):

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira.

Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo.

Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.

Através das histórias de *O menino e os ciganos* percebemos a experiência desse narrador griô que nos deixará suas histórias e experiências para que as mesmas possam ser contadas para as próximas gerações e se juntarem a tantas outras histórias que ainda serão contadas, formadas a partir do ouvinte que guardou também em sua memória o que lhe foi transmitido e que agora continuará o ciclo sagrado que é formar novos narradores.

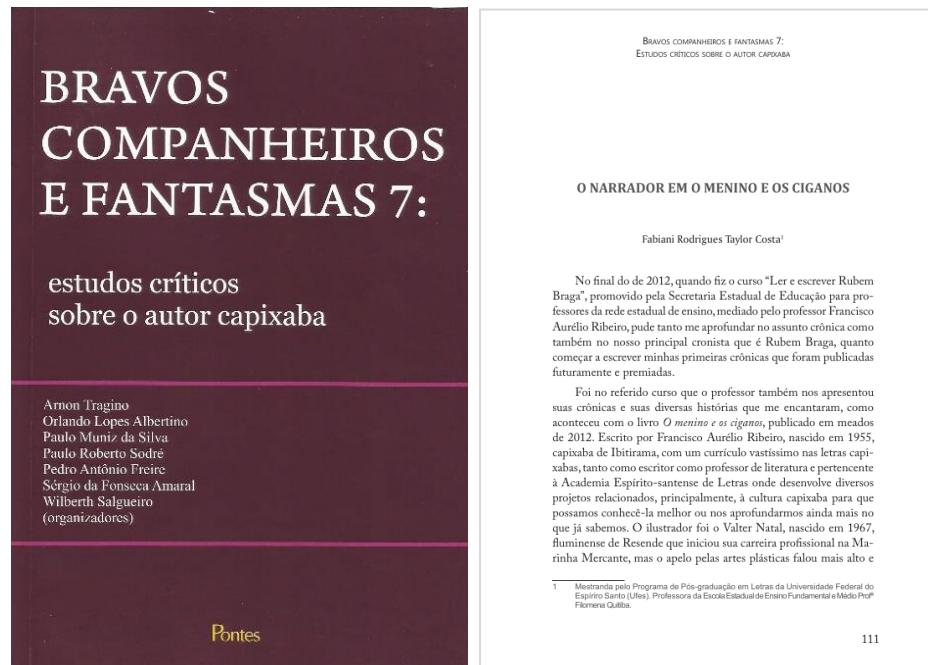
Referências:

- BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 43-91.
- FARIA, Helena Maria Martins. *As crianças na narrativa de Ondjaki*. <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9930/1/ulfl141494_tm.pdf>. Acesso em: 04 out. 2015.
- OLIVEIRA, Jurema José de. *Gêneros literários e tradição oral nas literaturas africanas de língua portuguesa*. <http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_casepel/casepel02.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2015.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. "Vozes de lá, ecos de cá: confluências da palavra escrita entre América e África. In: OLIVEIRA, Jurema de (Org.). *Africanidades e*

brasilidades: culturas e territorialidades. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. p. 43-56.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O menino e os ciganos.* Ilustrações de Valter Natal. Serra: Formar, 2012.

SILVA, Celso Sisto. *Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil.* <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/43352/27859>>. Acesso em: 17 ago. 2015.



Capa de *Bravos companheiros e fantasmas 7* e página inicial do capítulo “O narrador em *O menino e os ciganos*”, de Fabiani Rodrigues Taylor Costa.